

As contribuições da pluralidade metodológica na temática adolescência e gravidez

Marcelo Alberto Elias ⁽¹⁾ e
Valentin Furtonato Bonelli Neto ⁽²⁾

Data de submissão: 5/4/2019. Data de aprovação: 24/6/2019.

Resumo – A abordagem de temáticas relacionadas à saúde na escola encontra-se muitas vezes saturadas, não pela necessidade do tema, e sim pela limitação metodológica utilizada para esse fim. Metodologias variadas são intensamente indicadas em todo processo de escolarização e também deveriam ser em ações de saúde. Assim, o presente trabalho teve como objetivo investigar a colaboração da pluralidade metodológica na abordagem adolescência e gravidez. Para isso, foi escolhida uma escola da educação básica, localizada na cidade de Gaspar – SC, que contava, no momento da pesquisa, em 2017, com cerca de 400 alunos. Participaram da pesquisa cerca de 90 estudantes do oitavo ano do ensino fundamental, os quais foram envolvidos em uma série de atividades diversificadas para trabalhar a temática proposta. As intervenções didáticas ocorreram em especial nas aulas de ciências, porém, houve muitos momentos de interdisciplinaridade. Os resultados foram analisados de maneira qualitativa e expressaram uma grande mobilização, entusiasmo e interesse por parte dos estudantes. Assim, a presente pesquisa sugere que a pluralidade metodológica deve ser uma ferramenta importante também em abordagens transversais, em especial na promoção da saúde.

Palavras-chave: Educação para a sexualidade. Gravidez na adolescência. Pluralidade metodológica.

The contributions of the methodological plurality in theme: adolescence and pregnancy

Abstract – The approach of health-related themes in school is often saturated, not because of the need for the theme but because of the methodological limitation used for this purpose. Varied methodologies are strongly indicated in every schooling process and should also be in health actions. Thus, the present study aimed to investigate the collaboration of methodological plurality in the approach to pregnancy and adolescence. For this purpose, a Basic Education School was chosen, located in the city of Gaspar - SC, which counted about 400 students in the academic year of 2017. About 90 students from the eighth year of elementary school participated in the study, where they were involved in a series of diversified activities to work on the proposed theme, didactic interventions occurred especially in science classes, but there were many moments of interdisciplinarity. The results were analyzed qualitatively and expressed a great mobilization, enthusiasm and interest on the part of the students. Thus the present research suggests that methodological plurality should be an important tool also in transversal approaches, especially in the promotion of health.

Keywords: Education for sexuality. Teenage pregnancy. Methodological plurality.

Introdução

Para a Organização das Nações Unidas (ONU, 2017), um fator gerador de desigualdade, portanto, passível de ruptura, é o casamento de meninas antes da maioridade, pois elas apresentam risco maior de sofrerem violência doméstica e estupro marital, menor índice de

¹ Professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Paraná – IFPR. Doutorando taxista CAPES/PROSUP/UNIPAR no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal com ênfase em produtos bioativos. *marcelo.elias@ifpr.edu.br

² Professor da Rede Básica de Educação da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. *valendabio@yahoo.com.br

escolaridade, maior incidência de gravidez na adolescência, maior taxa de mortalidade materno-infantil e pobreza.

Hoje, no Brasil, o casamento deve ser postergado, afirma Braz (2015), cabendo às meninas entre 12 e 20 anos a preparação escolar na busca de uma melhor colocação profissional futura, gerando assim, uma dependência econômica familiar temporária, pois “[...] é preciso terminar os estudos, ter um trabalho e melhor salário para, só então, se estabelecer uma relação conjugal duradoura” (BRAZ, 2015, p.13). Esse seria o caminho idealizado pelos pais para seus filhos, em que o casamento e a própria emancipação são de alguma forma retardadas, na busca de uma segurança futura, mas nem sempre é o que ocorre.

Mundialmente, 16 milhões de mulheres de 15 a 19 anos engravidam a cada ano, e aproximadamente 11% de todos os nascimentos concentram-se em países de baixa e média renda (ROSSETTO *et al.*, 2014).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015, p. 17) apontam que a taxa de fecundidade de mulheres entre 15 a 19 anos, entre os anos de 2004 e 2014, “passou de 78,8 para 60,5 filhos por mil mulheres nesta faixa etária, mas a participação deste grupo na fecundidade total permaneceu alta, passando de 18,4% para 17,4% no mesmo período”, acima do índice mundial.

Estudo realizado em algumas capitais brasileiras com 4.634 adolescentes com idade inferior a 15 anos apresentou uma prevalência de índice de gravidez na adolescência de 2,2% em Porto Alegre, 1,2% no Rio de Janeiro e 3,5% em Salvador (AQUINO, 2003 *apud* ROSSETTO *et al.*, 2014). Em Porto Alegre, estudo com 430 adolescentes grávidas com idade entre 14 a 16 anos apresentaram 32,6% de prevalência de sofrimento intenso, associado “à baixa classe social, à não repetência escolar, ao relacionamento ruim com a mãe, à não aceitação da gestação pelo parceiro e à falta de apoio familiar frente a gestação”. (ROSSETTO *et al.*, 2014, p. 4.236).

Diante disso fica claro que a gravidez precoce pode causar inúmeros problemas na adolescência, sendo considerada uma violação dos direitos da mulher e um potencializador da desigualdade social no Brasil e no mundo.

Escola, adolescência e sexualidade

A escola deve discutir a sexualidade de forma não dogmática, baseada não em um código moral socialmente imposto, mas sim buscando ajudar os estudantes a desenvolver sua própria moral de forma plena e menos traumática. (FOUCAULT, 1998).

Sexualidade deve ser pensada como algo inerente ao próprio ser humano, que lhe é natural, que envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... processos profundamente culturais e plurais. (LOURO, 2000, p. 87 *apud* BRAZ, 2015). Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a sexualidade pode ser compreendida com a energia motivadora. (OMS *apud* BRAZ, 2015).

A adolescência é uma fase de transição, de descobertas, inclusive da sexualidade, que não se limita apenas a uma preparação para o futuro. Assim, a escola e a família são aliados importantes nesse processo. (CORTI; SOUZA, 2012).

A gravidez precoce pode ser gerada por muitos fatores, entre esses motivos estão a “[...] negação da possibilidade da gestação, a falta de informação e o próprio desejo, consciente ou não, de engravidar” (RAMOS *et al.*, 2013, p. 2).

Segundo o exposto, sexualidade é algo inerente ao ser humano, e na adolescência, fase de transição ou de descobertas, cabe também à escola trabalhar o tema sexualidade, atuando de forma complementar e não oposta à família. Essa atuação precisa ser efetiva para permitir o desenvolvimento pleno dos estudantes. Portanto, a escola deve atuar efetivamente no combate à gravidez na adolescência, realizando uma educação em sexualidade que realmente prepare

esses jovens para o enfrentamento deste e de inúmeros outros desafios. Mas como poderia a escola ser mais efetiva nesse enfrentamento?

Legislação educacional, sexualidade e atuação escolar

O pensar Educação Sexual surge no Brasil no início do século XIX, num primeiro momento reflexo do movimento higienista e buscando combater práticas masturbatórias. Em 1928 o congresso cogita a introdução da Educação Sexual, mas sofre grande resistência da igreja, permanecendo como uma espécie de “território sagrado”, sofrendo ainda retrocesso durante os primeiros anos da ditadura, e passa a ser incluído como projeto educacional curricular nacional em 1978. (SILVA, 2016).

Para Braz (2015), a denominação de educação sexual apresenta um aspecto mais ligado à parte biológica, preferindo este autor o uso do termo educação em sexualidade, este mais abrangente. Num sentido que envolve aspectos de ordem variada (cultural, social, política e histórica), amplia a compreensão da diversidade e facilita de certa forma o entendimento da transversalidade do tema, retirando o papel de trabalhar esta temática exclusivamente nas áreas de ciências e biologia.

Segundo Chassot (2003, p. 94), é necessário alfabetizar cientificamente os estudantes para que eles tenham “facilitada leitura do mundo em que vive”; somente assim eles serão capazes de tomar boas decisões, como o melhor momento de terem ou não filhos, por exemplo.

Silva (2016) lembra que desde 2005 a gravidez em adolescentes é considerada um problema de saúde pública, que atinge todas as classes sociais e graus de escolaridade. Para Braz (2015, p. 34), a prevenção da gravidez precoce e de extrema gravidez é “[...] responsabilidade da educação formal e das políticas públicas de educação e saúde para a prevenção da mesma”.

Não pode a escola ignorar, portanto, o problema, sendo seu dever atuar na prevenção da gravidez na adolescência da melhor forma possível, articulando ações, sempre que possível, com outros atores da sociedade. A gravidez precoce não é um problema de ordem individual das adolescentes, mas atinge toda a sociedade brasileira e mundial, sendo um fator de perpetuação e geração de desigualdades, um ciclo vicioso que precisa ser rompido.

Para Chassot (2003), o grande desafio da escola é ter significado para os jovens, principalmente aqueles vindos da periferia, em que a universidade, ou mesmo os cursos técnicos, não fazem parte de seu projeto de vida. Para Ausubel (1980), o ensino precisa ter significado ao estudante, este precisa relacionar o que é ensinado com o seu saber prévio para gerar mudança, o apreender. Gardner (1994) defende a multiplicidade de inteligências, ou seja, a diversidade de capacidades e competências de cada indivíduo e critica a forma como a escola tradicionalmente valoriza apenas as inteligências linguística e matemática.

Nesse contexto, buscou-se avaliar as contribuições da pluralidade metodológica na abordagem transversal de gravidez e adolescência.

Materiais e Métodos

A presente pesquisa foi de natureza aplicada, a análise dos resultados se deu de forma qualitativa, em que “os dados são coletados através de interações sociais e analisados subjetivamente” (SILVEIRA, 2011, p.36).

A pesquisa teve como foco uma escola pública do município de Gaspar-SC, com cerca de 400 alunos matriculados no ano de 2017. Distribuídos do 1º ao 9º anos, nos turnos matutino e vespertino. As ações desta pesquisa se voltaram para os 8º anos A e B, e os 9º anos A e B, matutino e vespertino, totalizando uma população amostral de cerca de 90 estudantes de ambos os sexos e com idades variando entre 13 e 17 anos, com algum grau de rotatividade.

Durante a intervenção didática na escola foram realizados:

- Análise de fontes bibliográficas;

- Mapa conceitual integrativo construído pelos educadores;
- Documentos escritos sobre temas relacionados à gravidez na adolescência produzidos pelos estudantes na forma de desenho, relatórios, entre outros;
- Vídeos construídos pelos estudantes na forma de entrevista, depoimentos e curtas-metragens;
- Teatro elaborado e apresentado pelos estudantes;
- Questionário avaliativo do dia D.

Esses documentos foram categorizados como:

- Diagnóstico inicial ou pré-ação;
- Diagnóstico pós-ação.

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeceram aos critérios da ética em pesquisa com seres humanos, conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e em nenhum momento qualquer procedimento usado ofereceu risco à integridade física ou dignidade dos estudantes.

Resultados e Discussões

Após todas as atividades metodologicamente ativas propostas durante esse trabalho, foi possível observar um grande envolvimento e participação dos estudantes.

A mobilização dos estudantes observada na pesquisa vai ao encontro das ideias de Chassot (2003), que coloca a questão de como mobilizar os estudantes, visto que, para eles, a escola é vazia de sentido, e estar na escola não lhes garante sucesso. Durante todas as atividades propostas houve um grande movimento por parte dos educadores da escola para que os estudantes se envolvessem.

A educação centrada no estudante também foi um ponto de destaque, pois em todas as atividades os estudantes tinham voz e se sentiam acolhidos. Os resultados desta pesquisa confirmam as afirmações de Chassot (2003), que sinaliza a escuta do estudante, a busca de valorização de seus saberes e seu fazer. Saberes que precisam ser corrigidos e/ou aprofundados mediante o aprendizado científico. Os indivíduos devem ser alfabetizados científicamente como o autor defende, ou seja, precisam ser capazes de utilizar os conhecimentos científicos em todas as esferas das suas atividades sociais, e isto inclui viver sua sexualidade de forma plena e segura.

Ainda sobre o envolvimento dos estudantes, tamanha mobilização talvez possa ser explicada pelo aspecto interdisciplinar das atividades, nas quais coube a cada um dos estudantes incorporar suas inteligências aos processos de construção de matérias. Segundo Gardner (1994), quando as capacidades humanas são mobilizadas, as pessoas se sentem melhores em relação a si mesmas e mais competentes; é possível, inclusive, que elas também se sintam mais comprometidas e capazes de reunir-se ao restante da comunidade mundial para trabalhar pelo bem comum. Se for possível mobilizar toda a gama de inteligências humanas e aliá-las a um sentido ético, talvez seja possível ajudar a aumentar a probabilidade de sobrevivência do ser humano neste planeta, e talvez inclusive contribuir para a sua prosperidade.

Muitos caracterizam a educação para a sexualidade uma temática difícil, mas que precisa ser tratada na escola. O modelo demasiadamente baseado em linguística e/ou em lógico-matemática vem demonstrando não ser suficiente. Os resultados aqui apresentados demonstram que é possível diversificar os olhares na escola, em algumas temáticas, de forma pontual e muito promissora como, por exemplo, através da arte, observando que os estudantes se envolveram intensamente nos teatros propostos. Moreira e Marandino (2015) afirmam que, apesar de o teatro de temática científica ainda ser recente no Brasil, apresenta um grande potencial na alfabetização científica. Pode-se incluir ainda a produção de vídeos, seja de entrevistas, curta-metragem, telejornais, entre tantas outras possibilidades, como algo que vale a pena o professor tentar.

Considerações finais

Educação para a sexualidade faz parte do papel da escola e dos educadores segundo documentos legais nacionais, não cabendo à escola suplantar o papel da família na educação de seus filhos, mas articular ações com ela. Vive-se em um ambiente nocivo, principalmente para a mulher de classe baixa, pois, de todos os tipos de discriminação por ela sofrida, a gravidez precoce vem como mais um fardo, que contribui para a manutenção da situação de pobreza e vulnerabilidade social. Pode a escola realmente contribuir ao possibilitar aos jovens informações relevantes desprovidas de preconceitos e machismo. Somente com o alfabetizar científico esses jovens podem ter uma oportunidade de romper esse ciclo vicioso.

O presente trabalho sugere que metodologias variadas e abordagens humanizadas dentro do espaço escolar podem contribuir para uma maior apropriação e significação para os sujeitos envolvidos no processo de escolarização. Saúde na escola sempre será um grande desafio, porém ferramentas metodológicas corretas e um olhar centrado nos estudantes podem levar as práticas pedagógicas para além dos muros da escola, colaborando com uma educação histórico-crítica e transformadora.

Referências

- AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BRAZ, KATIA JACQUES. **Criação de proposta de intervenção pedagógica na prevenção da gravidez na adolescência**. 2015, 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>. Acesso em: 2 abr. 2017.
- CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, p. 89-100, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.
- CORTI, Ana Paula de Oliveira; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2012.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33165635/44966531-Michel-Foucault-Historia-da-Sexualidade-2-O-Uso-dos-Prazeres.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1503266221&Signature=%2FJiSkHqqR%2BcX3%2FWyZsooNAfXUeQ%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DHistoria_da_Sexualidade_2_o_Uso_dos_Pr.pdf. Acesso em: 20 ago. 2017.
- GARDNER, H. **Estruturas da Mente** - A teoria das inteligências múltiplas. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=295011>. Acesso em: 2 abr. 2017.

MOREIRA, L. M.; MARANDINO, M. Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. **Ciencia & Educação**, v. 21, n. 2, p. 511–523, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n2/1516-7313-ciedu-21-02-0511.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

Organização das Nações Unidas no Brasil. **Brasil tem maior número de casamentos infantis da América Latina e o 4º mais alto do mundo.** 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-tem-maior-numero-de-casamentos-infantis-da-america-latina-e-o-4o-mais-alto-do-mundo/>. Acesso em: 3 abr. 2017.

RAMOS, Flávia Regina Souza; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schülter Buss; CARDOSO, J. Assistência e diagnóstico, aborto, pré-natal, parto e puerpério. In: **Eixo II – Reconhecimento da realidade: Módulo 10: Saúde do Adolescente.** 2013. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/938>. Acesso em: 20 jul. 2017.

ROSSETTO, M. S.; SCHERMANN, L. B.; BÉRIA, J. U. Maternidade na adolescência: indicadores emocionais negativos e fatores associados em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 10, p. 4235–4246, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n10/1413-8123-csc-19-10-4235.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SILVA, D. R. Q. Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. **Revista de Estudios Sociales**, v. 57, p. 78–88, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/res/n57/n57a07.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SILVEIRA, Cláudia Regina. **Metodologia da pesquisa.** Florianópolis: IFSC, 2011.